

A constituição da angústia em Sartre: do patológico ao ontológico

Vinicius X. Hoste

Mestrando em filosofia pela UFES

vini17hoste@gmail.com.

Resumo: “A angústia sou eu”, diz Sartre em uma passagem de sua obra *O Ser e o Nada*, querendo com isso significar a inseparabilidade entre a realidade humana e essa Angústia que ela experimenta. Para o pensador francês a Angústia se dá como característica fundamental do homem, característica essa que está estritamente ligada a outro traço ontológico humano, a liberdade. É pela captação da liberdade como algo intransponível que o homem se apreenderá como uma intransponível Angústia. A partir disso, além de abordar a ligação entre Angústia e liberdade, a questão que se coloca neste artigo é a seguinte: se há realmente tal inseparabilidade entre homem e Angústia, qual seria o motivo de que a Angústia seja vista socialmente como algo excepcional, ou até mesmo patológico?

Palavras-chave: Consciência; Nada; Liberdade; Angústia

Abstract: “*The anguish is me*”, Sartre says in a passage of *Being and Nothingness*, wanting with it means the inseparability of human reality and this Anguish experienced. For the french philosopher the Anguish occurs as a fundamental characteristic of the man, a characteristic that is closely linked with another human ontological trait, the freedom. It’s with the apprehension of freedom as something insurmountable that man can to perceive himself as an insurmountable Anguish. From this, in addition to addressing the link between Anguish and freedom, the question that arises in this article is the following: if is there really such inseparability between man and Anguish, what would be the reason that the Anguish is socially seen as something exceptional, or even pathological?

Keywords: *Consciousness, Nothingness, Freedom, Anguish*

Introdução

Angústia é uma palavra de origem latina que significa estreiteza, aperto. Em tal acepção, o termo Angústia quer dizer uma espécie de aflição e é cunhado pela primeira vez pelo pensador romano Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) em sua obra *De Natura Deorum*. Contudo, o intuito deste artigo não é falar dessa Angústia descrita por Cícero como um sentimento aflitivo, mas como ela apareceu posteriormente, ou seja, como aquilo que é próprio do homem.

Neste sentido, o problema da Angústia está diretamente ligado ao nosso tempo, visto que o advento da modernidade trouxe consigo um grande desencanto do mundo; o homem moderno já não tinha mais a certeza de que Deus olhava por seu destino. É isso que assinala muito bem Mauro Rocha Baptista¹ ao dizer que: “Com as revoluções do mundo moderno, o homem se tornou mais autônomo e independente das verdades sagradas, mas, como contraponto necessário, a vertigem da angústia se acercou dele de forma muito mais própria em nosso tempo”. Quer dizer, a Angústia surgida na modernidade está diretamente ligada à captação da liberdade pelo homem: quanto mais se capta como indeterminado, mais o homem se sente angustiado. Além disso, o rápido avanço das ciências trouxe consigo diversas incertezas; a ciência se apresentou com a pretensão de abarcar toda a realidade e de dar resposta a todas as perguntas, contudo, conforme aponta Edmund Husserl² (1859-1938), “[...] na miséria da nossa vida, [...] essa ciência não tem nada a nos dizer”, e isso acaba por gerar ainda mais questões.

¹ BAPTISTA, *Franz Kafka e a angústia kierkegaardiana*, p. 182.

² HUSSERL apud REALE; ANTISERI, *História da filosofia* 3, p. 565.

A partir desses questionamentos cada vez mais crescentes o ser humano se vê defronte ao esvaír gradual dos valores sobre os quais se apoiava, e o grande problema com que se depara é que nada é colocado no lugar deles. Dessa maneira, ao captar-se como um Ser sem fundamento e, ao mesmo tempo, como o fundamentador do mundo a sua volta, o homem se vê desamparado diante de um mundo de possibilidades cada vez maiores. “Assim, [...] o homem, sem nenhum tipo de apoio nem auxílio, está condenado a inventar a cada instante o homem³”, e isso é angustiante.

À vista disso, o que se pretende aqui é uma análise da Angústia a partir da perspectiva sartriana, isto é, não como uma patologia, ou como algo passível de cura, mas como um sinal a ser captado, o sinal fundamental da existência. A Angústia seria a captação da inexistência de uma determinação absoluta para o homem, ou seja, seria o homem designado como sendo liberdade. Ser liberdade significa justamente ser Angústia, uma Angústia intransponível e intransferível, uma Angústia que é própria da estrutura do ser humano. “Eu sou a minha liberdade⁴”, diz Mathieu, personagem do romance sartriano *Sursis*; já em *O Ser e o Nada* o próprio Sartre⁵ afirma: “[...] essa angústia sou eu”. Por conseguinte, para Sartre, o homem é simultaneamente liberdade e Angústia, e a Angústia se apresenta como uma abertura, como a possibilidade de uma revelação para a realidade humana: a revelação da verdade intransponível que é a liberdade.

Todavia, diante dessa concepção mais uma questão se coloca: por que a Angústia, entendida por Sartre como estrutura fundamental do ser humano, não se manifesta na trivialidade cotidiana e muitas vezes é tratada até mesmo como uma patologia?

1. O paradoxo de uma condenação

Quando se fala em liberdade na filosofia sartriana, não se quer com isso significar uma faculdade abstrata da essência humana: “Não se trata de uma qualidade que o homem pode ou não ter, não se trata de um atributo que pode ou não ser acrescentado à essência do homem⁶”. Para a realidade humana a liberdade não é uma essência e, como afirma Bornheim⁷, ela “[...] instaura-se desprovida de qualquer necessidade lógica”. A palavra liberdade significa o próprio homem, é tautológico: ser humano é ser liberdade. Porém, ao mesmo tempo em que se designa

³ SARTRE, *O existencialismo é um humanismo*, p. 25.

⁴ SARTRE, *Sursis*, p. 407.

⁵ Idem, *O Ser e o Nada*, p. 77.

⁶ SOUZA, *Liberdade e determinação na filosofia sartriana*, p. 18.

⁷ BORNHEIM, *Metafísica e Existencialismo*, p. 111.

a liberdade como o Ser do homem, deve-se dizer que essa mesma liberdade permite e impõe ao homem escapar perpetuamente a seu próprio Ser. Por ser liberdade o homem jamais pode ser uma identidade, o homem jamais pode ser o que é, pois, ser liberdade é estar condenado a ser o que não é e a não ser o que é. Aliás, dizer que o homem é liberdade é dizer que ele está condenado a esta liberdade sem a possibilidade de dela escapar.

Entretanto, pode-se questionar como é possível haver liberdade se o homem não possui o poder de escolher se nascerá rico ou pobre, branco ou negro, no Brasil ou na Suíça, se desde sua infância ele já se vê submetido à certas circunstâncias que ele não escolheu? Ora, antes de estar condenado a ser livre, o homem parece estar condenado ao destino.

Seria um erro tentar conceber a liberdade como um poder indeterminado, já que a liberdade é escolha e não fundamento de seu Ser. Dizer que o homem é livre e que, contudo, não pode fundamentar seu Ser, é dizer que o homem é jogado na existência e que não possui a possibilidade de recusá-la, de recusar ser livre em uma situação que ele não escolheu, já que a liberdade é uma condenação, e essa é a facticidade da liberdade. Então, é através da ação que o homem exerce sua liberdade, pois sem ela a liberdade representaria somente um conceito abstrato.

Destarte, toda ação do homem é indeterminada, ou seja, é escolha a partir da liberdade, e estar condenado à liberdade é estar condenado à ação. Ademais, a liberdade não é caracterizada como garantia de que o homem conseguirá aquilo que quer, ela é muito mais a possibilidade de um querer; não de um querer no sentido do desejo ou do sonho, mas um querer que pressupõe a ação:

Assim, não diremos que um prisioneiro é sempre livre para sair da prisão, o que seria absurdo, nem tampouco que é sempre livre para desejar sua libertação, o que seria um truísmo irrelevante, mas sim que é sempre livre para tentar escapar (ou fazer-se libertar) – ou seja, qualquer que seja sua condição, ele pode projetar uma evasão e descobrir o valor de seu projeto por um começo de ação.⁸

Logo, por ser liberdade de escolha, a liberdade sartriana não significa possuir todas as possibilidades, no sentido de possuir escolhas infinitas, muito pelo contrário, escolher é escolher isso e não aquilo, ou seja, “escolher é finitude”. Isso quer dizer que também a liberdade é finitude, porém, isso não decorre do fato de que o homem seja mortal, mas do simples fato de que ele tem de escolher, e escolher um possível significa necessariamente a nadificação de

⁸ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 595.

tantos outros. É justamente isso que aponta Philippe Cabestan⁹: “[...] eu não tenho direito que a uma só escolha: este é, segundo Sartre, o único limite ou finitude da minha liberdade¹⁰”.

Isto posto, a liberdade “[...] não significa que o homem paira acima das coisas. Pelo contrário, é o modo de estar-no-mundo¹¹”. Ou seja, a própria impossibilidade de seguir determinado caminho é constituída pela liberdade, já que só capto tal caminho como intransponível porque escolhi seguir por ele. Jean-Marc Mouillie¹² afirma a partir disso que:

A liberdade é a própria situação que ela desvela. Essa situação forma uma unidade com a intenção, a liberdade é escolha, isto é, escolha pré-reflexiva. Assim, a liberdade possui limites, pois toda escolha é restritiva (“escolha da finitude”, diz Sartre), mas ela não os encontra, porque é por ela que esses limites aparecem e ganham valor. Enfim, a liberdade é escolha, mas não *fundamento* de seu ser, ela não pode não se escolher (é sua facticidade), mas não decide sobre sua existência (é sua contingência)¹³.

Portanto, a liberdade, enquanto Nada de Ser, pressupõe o Ser, ou seja, pressupõe uma situação na qual ela possa ser livre. Essa situação factual surge da contingência, contingência essa que abarca tanto o homem quanto do mundo. O homem vem ao mundo e neste mundo outros homens existem e muitos outros já existiram antes dele e existirão após, conseqüentemente, o homem vem a um mundo dado, a um mundo que possui sentidos que não foi ele quem criou. Mas isso não é uma limitação à liberdade do homem, pelo contrário, “[...] é nesse mundo mesmo que o Para-si deve ser livre; é levando em conta essas circunstâncias – e não *ad libitum* – que ele deve escolher-se¹⁴”.

Diante disto, a liberdade do homem não poderia se dar antes de sua existência e por isso ela não possui a possibilidade da escolha do local onde surgirá, contudo, a partir desse surgimento, qualquer que seja ele, o homem não tem outra opção senão a de exercer a sua liberdade. Franklin Leopoldo e Silva¹⁵ resume isso da seguinte maneira: “Só escolho a partir da facticidade, mas não escolho a facticidade”. Desse modo, a liberdade se apresenta como a possibilidade de conferir sentido ao fato, de se determinar, não por esse fato, mas, a partir dele, ou seja, a liberdade não tem nada a ver com um poder de escolha infinito, ela é a indeterminação

⁹ CABESTAN, *Une liberté infinie?*, p. 40, tradução nossa.

¹⁰ [...] je n'ai droit qu'à un seul choix: telle est, pour Sartre, l'unique véritable limite ou finitude de ma liberté.

¹¹ SILVA, *Ética e literatura em Sartre*, p. 70.

¹² MOUILLIE, *L'autodévoilement de la liberté dans l'existence*, p. 177, grifo do autor, tradução nossa.

¹³ La liberté est la situation même qu'elle dévoile. Cette situation ne fait qu'une avec l'intention, la liberté est choix, choix pré-réflexif s'entend. Ainsi a-t-elle des limites car tout choix est restrictif (“choix de la finitude” dit Sartre), mais elle ne les “rencontre” pas puisque c'est par elle que ces limites apparaissent et valent. Enfin, la liberté est choix mais non *fondement* de son être, elle ne peut pas ne pas se choisir (c'est sa facticité) mais ne décide pas de son existence (c'est sa contingence).

¹⁴ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 638, grifo do autor.

¹⁵ SILVA, *Ética e literatura em Sartre*, p. 153.

da consciência, a sua espontaneidade. Isso significa que a consciência “[...] se determina à existência a cada instante, sem que possamos conceber nada *antes dela*¹⁶”.

Desta forma, de acordo com apontamento em nota de Sylvie Le Bon¹⁷ “[...] o ato livre se fundamenta sobre uma liberdade selvagem, que não é outra senão a estrutura mesma da consciência em sua pura translucidez”. E é justamente por ser translucida que a consciência irá se captar em sua intraestrutura como sendo irremediavelmente livre:

[...] como a natureza intencional da consciência nos indica que toda consciência é consciência *de* algo e, em contrapartida, que coisa alguma está na consciência, [...] esse caráter próprio da consciência implica que a consciência de algo é sempre acompanhada pela consciência dessa consciência (ou seja, a consciência reflexiva não se dá independentemente da consciência pré-reflexiva). Logo, se a liberdade deve ser referenciada à consciência – consciência que é transparência e claridade absoluta –, desde sempre devemos encontrar-nos, então, com uma consciência de liberdade. Diferentemente dito: na medida em que é pelo para-si que a liberdade constitui a realidade humana, essa liberdade deve necessariamente surgir como consciência de liberdade¹⁸.

É precisamente essa consciência de liberdade que a filosofia sartriana designa como sendo a Angústia. Ou seja, é na Angústia, e somente nela, que o homem se apreende em seu Ser como liberdade, se apreende como condenado a ser livre:

[...] livre, livre, inteiramente, com a liberdade de ser um animal ou uma máquina, de aceitar, de recusar, de tergiversar, casar, dar o fora, arrastar-se durante anos com aquela cadeia aos pés. Podia fazer o que quisesse, ninguém tinha o direito de aconselhá-lo. Só haveria para ele Bem ou Mal se os inventasse. Em torno dele as coisas se haviam agrupado, aguardavam sem um sinal, sem a menor sugestão. Estava só em meio a um silêncio monstruoso, só e livre, sem auxílio nem desculpa, condenado a decidir-se sem apelo possível, condenado a ser livre para sempre¹⁹.

2. A ontologia de um ser abissal

O tema da Angústia já fora abordado anteriormente na história da filosofia por pensadores como Kierkegaard e Heidegger²⁰, e tais abordagens exercem certa influência na concepção sartriana do tema. Para abordar o conceito de Angústia, Kierkegaard parte de um contexto teológico e empreende a análise da noção de pecado hereditário, ou seja, da entrada da pecaminosidade no mundo. Nesse contexto, a Angústia kierkegaardiana se apresenta como

¹⁶ SARTRE, *A transcendência do Ego*, p. 72, grifo do autor

¹⁷ LE BOM, apud *Ibidem*, p. 65

¹⁸ BURDZINSKI, *Má-fé e autenticidade*, p. 29, grifo do autor.

¹⁹ SARTRE, *A idade da razão*, p. 296-297.

²⁰ Kierkegaard trata do tema em sua obra *O conceito de angústia*. Heidegger aborda o tema em *Ser e Tempo* e em *Que é Metafísica?*

Angústia diante da liberdade ou, em suas palavras: “A possibilidade da liberdade anuncia-se na angústia²¹”. Já Heidegger coloca a Angústia como uma “disposição fundamental” do *Dasein*. Com isso, a Angústia para ele é algo ontológico, mas, ao mesmo tempo, é algo raro; ela se apresenta como uma disposição que tem uma função reveladora: “A angústia manifesta o nada²²”, e é através desse Nada que o *Dasein* se apreende no mundo.

Sartre reconhece que não há contradição entre essas duas concepções, pelo contrário, elas “implicam-se mutuamente”. Por isso, a concepção sartriana da Angústia terá como base tanto a reflexão do filósofo dinamarquês quanto a do filósofo alemão, pois em seu pensamento a Angústia diante da liberdade e a Angústia diante do Nada formam uma mesma coisa, já que a liberdade implica a aparição do Nada no mundo.

Pode-se dizer, simplificadamente, que o Nada é concebido por Sartre como aquilo que separa o passado do presente, e, como tal, esse Nada é o fundamento da liberdade. O Nada se coloca então entre os motivos e o ato e a Angústia se dá justamente na captação dessa separação no âmago da consciência: os motivos não são motivos na consciência, já que essa não possui conteúdos, mas sim motivos da consciência. Como consequência disso, motivos são sempre subjetivos e, ao mesmo tempo, vão além do mundo, mesmo estando no mundo: “Assim, o *nada* que separa motivo e consciência se caracteriza como transcendência na imanência; ao produzir-se a si como imanência, a consciência nadifica o nada que a faz existir para si como transcendência²³”.

Pode-se dizer que o homem é uma liberdade angustiada pela exigência de que ele renove perpetuamente o seu *Eu*, e que esse *Eu*, juntamente com o seu conteúdo histórico, é a essência do homem. Destarte, pela própria estrutura da consciência o homem acha-se separado de sua essência pelo Nada. Tal essência é inacessível à realidade humana, já que só é como *tendo sido*, e toda ação humana encontra-se além desta essência. Vê-se aqui que há entre o homem e sua essência uma incompatibilidade, ele encontra-se separado de si mesmo por um Nada intransponível, e isso é angustiante. Nessa perspectiva, enquanto um objeto qualquer do mundo existe como dado, como concebido com determinada finalidade, o homem se dá como um Ser espontâneo, indeterminado, livre. Por isso, o homem não possui qualquer sentido *a priori*, pelo contrário, ele é gratuito, ele é Nada, ele é um Ser abissal. Isso pode ser resumido na seguinte passagem de Mouillie²⁴:

²¹ KIERKEGAARD, *O conceito de angústia*, p. 82.

²² HEIDEGGER, *Que é Metafísica?*, p. 57.

²³ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 78, grifo do autor.

²⁴ MOUILLIE, *L'autodévoilement de la liberté dans l'existence*, p. 168-169, tradução nossa.

[...] apanhada na ambiguidade de ser ao mesmo tempo fato (contingente, ela não decide sobre sua existência) e necessidade (como obrigação de existir como consciência de existir), aquilo que angustia a liberdade é a impossibilidade, que a define, de se fundar no ser e de escapar a sua própria necessidade de fato²⁵.

A Angústia é, portanto, a captação de que não existe uma determinação absoluta para a consciência, ou seja, é o poder nadificador da liberdade agindo sobre o passado de modo que ele não possa por si mesmo ser determinante. Por outro lado, ao examinar o futuro percebe-se que ele também está sujeito ao poder nadificador da liberdade, já que não pode ser determinado e só existe enquanto mera possibilidade. Em suma, ao afirmar que o homem é liberdade, afirma-se também que o homem é Angústia, uma Angústia que é um passado que não o justifica e um futuro que não o certifica.

3. A fenomenologia da angústia

A abordagem ontológica feita até o momento permite agora uma conceituação fenomenológica daquilo que seria a Angústia. Para que seja possível proceder com a análise se faz necessário uma diferenciação entre a Angústia e o medo. É preciso observar que esses dois comportamentos são excludentes entre si e que o homem pode oscilar em uma mesma situação entre os dois. A Angústia vem de uma relação interna, quando o homem age sobre a situação, enquanto o medo é derivado das relações com os seres do mundo, ou seja, é a situação agindo sobre o homem. Kierkegaard²⁶ resume isso dizendo que enquanto o medo refere-se a algo que pode ser determinado, “[...] a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”.

Para esclarecer o que foi dito, Sartre²⁷ apresenta o seguinte exemplo: um homem está andando em um precipício e pensa que a beira desse precipício seja algo a se evitar, já que ela pode desabar a qualquer momento. Porém, mesmo que o homem se afaste da beira, existem ali outras possibilidades que não dependem dele, como, por exemplo, um grande desabamento de terra. É desse modo que se faz presente o medo, ou seja, é quando o homem se capta como mais um Ser do mundo, Ser esse que não pode controlar o ambiente que o rodeia. Contudo, ao refletir, esse homem chega à conclusão de que para atravessar o precipício com segurança ele deve

²⁵ “[...] prise dans l’ambiguïté d’être à la fois fait (contingent, elle ne décide pas de son existence) et nécessité (comme obligation d’exister par la conscience d’exister), ce qui anguisse la liberté est l’impossibilité, qui la définit, de se fonder dans l’être e d’échapper à sa propre nécessité de fait”.

²⁶ KIERKEGAARD, *O conceito de angústia*, p. 45.

²⁷ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 73.

simplesmente manter-se o mais longe possível das ameaças que o circundam. Essas condutas que surgem a partir da reflexão são suas possibilidades, mas justamente por serem suas possibilidades, não há nenhuma causa que as determine. Assim sendo, dentro dessas possibilidades existem ainda as possibilidades de condutas contrárias ou contraditórias, como correr ou se jogar. Para legitimar o *seu possível* esse homem precisa nadificar todos os outros possíveis. Aqui aparece a Angústia, já que aquilo que tal homem define como *seu possível* não está determinado por uma lei de causalidade.

Na angústia, não captamos simplesmente o fato de que os possíveis que projetamos acham-se perpetuamente corroídos pela nossa liberdade-por-vir, mas também apreendemos nossa escolha, ou seja, nós mesmos, enquanto *injustificável*, isto é, captamos nossa escolha como algo não derivado de qualquer realidade anterior²⁸.

Por essas características descritas, pode-se aceitar a descrição feita por Kierkegaard²⁹ em *O conceito de angústia*, que coloca a possibilidade como algo mais angustiante do que a própria realidade, visto que “[...] a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando [...] a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se³⁰”.

De tal maneira, é possível dizer que é ao refletir para escapar do medo que a Angústia se apresenta ao homem, já que é a partir disso que ele vislumbra suas possibilidades. Ao se deparar com suas possibilidades, o homem percebe que nada pode obrigá-lo a manter a decisão tomada, pois existe nessa situação um Nada que se coloca entre o presente e o futuro: esse homem não é o que será, e, contudo, já é o que será, ou seja, ele é a maneira de não ser. “Assim, o eu que sou depende em si do eu que ainda não sou, na medida exata em que o eu que ainda não sou independe do eu que sou³¹”. Quer dizer, o homem considerado no presente depende de seu futuro como projeção para si, mas essa projeção que o homem faz para si no presente, não será necessariamente o seu futuro. É como se o homem marcasse um encontro consigo mesmo no futuro, e a Angústia decorresse do fato de que não é possível ter nenhuma garantia de que ele estará presente nesse encontro, há a possibilidade de não querer encontrar-se consigo mesmo no futuro. Sobre isso, Sartre³² afirma que

²⁸ *Ibid.*, p. 572.

²⁹ KIERKEGAARD, *op. cit.*, p. 171.

³⁰ *Ibid.*, p. 67.

³¹ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 76.

³² *Ibid.*, p. 659.

[...] nossa liberdade posterior, na medida em que não é nossa liberdade atual, mas sim o fundamento de possibilidades que ainda não somos, constitui como que uma opacidade em plena translucidez, algo como [...] ‘o mistério em plena luz’. Daí nossa necessidade de esperar por nós mesmos.

Essa situação descrita no exemplo do penhasco é referente à Angústia frente ao futuro; mas existe também uma Angústia frente ao passado. Ela se dá, por exemplo, quando um homem decide parar de fumar e poucos dias depois da decisão se vê frente ao cigarro novamente. Nesse momento a decisão tomada anteriormente já não vale muita coisa. Apesar de ainda estar presente nesse homem, essa decisão é ineficaz, pois há um Nada que a separa dele nesse momento. Estando frente a frente com o cigarro, a decisão de não fumar é para ele um possível, assim como tantos outros. Para que esse possível seja novamente o *seu possível* é necessário que esse homem se decida novamente por ele. A Angústia se dá quando esse homem percebe que mesmo tendo decidido anteriormente largar o cigarro, não há nada que o impeça de fumar novamente e por isso ele deve, a partir de sua liberdade, escolher não fumar em cada momento que essa ideia lhe surge. O homem se angustia porque há em si mesmo a possibilidade iminente de uma contradição.

Por essa característica peculiar da consciência, Franklin Leopoldo e Silva³³ coloca que “[...] a realidade humana é uma questão: nenhuma *resolução*, nenhuma deliberação assegura a persistência da escolha”, isto é, a realidade humana está em perpétua questão sem resposta definitiva ou, colocando os versos de Paulinho da Viola nesse contexto:

Ela não é uma equação
Não tem que ser resolvida
A vida, portanto, meu caro,
Não tem solução³⁴.

Nesta lógica, a vida de cada homem não possui uma solução *a priori*, mas cabe a cada um buscar sua solução, seu sentido, escolher-se, agir a partir de sua liberdade. A Angústia então desvela “[...] a verdade fundamental da vida, que não é nem horrível nem feliz, que é, toda qualificação vindo depois e engajando [...] aquele que a faz³⁵”. A partir disso, a Angústia mostra ao homem que ele é o agente de seu destino, que não há nada que possa escolher por ele, pelo contrário, é ele quem ao se escolher escolhe também o mundo. Por isso, o homem não se angustia diante da morte, como diz Heidegger³⁶, pelo contrário, a morte é, para Sartre, somente

³³ SILVA, *Ética e literatura em Sartre*, p. 145, grifo do autor.

³⁴ Trecho da canção “Solução de vida” de Paulinho da Viola.

³⁵ SARTRE, *Oeuvres Romanesques*, p. 1670, tradução nossa

³⁶ HEIDEGGER, *Ser e Tempo*

um fato contingente, assim como o é nascer, e a Angústia se mostra diante da vida, de suas escolhas, de suas estruturas, ou melhor, diante de si mesmo.

4. A responsabilidade de ser livre: a angústia ética

É preciso dizer ainda que, segundo Sartre, a Angústia não se relaciona só com a liberdade, mas também com a responsabilidade dela decorrente. Em sua situação o homem encontra-se desamparado, ou seja, literalmente condenado a exercer sua liberdade sem justificativas, pois foi jogado no mundo sem ser consultado e mesmo assim é responsável por seus atos. O homem “carrega nos ombros o peso do mundo inteiro³⁷”, é ele quem se inventa e ao se inventar determina o valor das coisas do mundo. É por isso que Sartre³⁸ coloca que “[...] nada pode me proteger de mim mesmo; separado do mundo e de minha essência por esse nada que sou, tenho de realizar o sentido do mundo e de minha essência: eu decido, sozinho, injustificável e sem desculpas”.

Logo, a Angústia pode ser definida também como “[...] uma responsabilidade direta em relação aos outros homens envolvidos pela escolha³⁹”, ou seja, as escolhas feitas por um homem não se restringem somente a ele, pelo contrário, é como se essas escolhas comprometessem todos aqueles que estão envolvidos direta ou indiretamente nela. Por isso, minha escolha não somente é legisladora, mas também comprometedora diante do outro. Para Sartre o homem em cada ação é um legislador perante outros homens, e a captação dessa responsabilidade é também uma forma de Angústia, a Angústia ética. Philippe Cabestan⁴⁰ descreve essa Angústia da seguinte maneira:

Assim, os valores encontram seu fundamento ontológico na realidade humana enquanto livre transcendência que ultrapassa aquilo que é em direção àquilo que não é e, ao mesmo tempo, a liberdade lhes confere um valor. Disso resulta que nada pode justificar a adoção desta ou daquela escala de valores e que o homem, enquanto ser pelo qual os valores existem, é injustificável. A angústia ética nada mais é que o reconhecimento desta injustificabilidade da liberdade e da contingência dos valores⁴¹.

³⁷ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 678.

³⁸ *Ibid.*, p. 84.

³⁹ *Ibid.*, p. 23.

⁴⁰ CABESTAN, *Une liberté infinie?*, p. 36/37, tradução nossa.

⁴¹ Ainsi les valeurs trouvent leur fondement ontologique dans la réalité-humaine en tant que libre transcendence qui dépasse ce qui est vers ce qui n'est pas et auquel la liberté confère du même coup une valeur. Il en résulte que rien ne peut justifier l'adoption de telle ou telle échelle de valeurs et que l'homme, en tant qu'être par qui les valeurs existent, est injustifiable. L'angoisse éthique n'est rien d'autre que la reconnaissance de cette injustifiabilité de la liberté et de la contingence des valeurs.

É essa a Angústia de Abraão – sobre a qual fala Kierkegaard em sua obra *Temor e Tremor* –, a Angústia de ter que decidir sozinho sobre o destino de seu filho; é Abraão quem valora se aquela voz que lhe ordena o sacrifício é ou não de Deus; é ele quem deve decidir se aceitar a moral preestabelecida e preservar seu filho, ou seguir a voz que fala em sua mente e sacrificá-lo: a ele todo o peso da escolha e, conseqüentemente, a ele toda a responsabilidade. Pode-se entender nesse sentido a seguinte afirmação de Burdzinski⁴²: “Seja qual for a alternativa escolhida, sobre quem escolheu recai uma absoluta responsabilidade, responsabilidade esta que não é senão a necessária contrapartida de uma liberdade também ela absoluta”.

Contudo, como assinala Sartre⁴³, tal responsabilidade não é uma responsabilidade resignada, mas é a “[...] simples reivindicação lógica das conseqüências de nossa liberdade”. Em vista disso, assim como o homem é absolutamente liberdade e, ao mesmo tempo, está acorrentado a essa liberdade, ele também é responsável por tudo, menos por sua responsabilidade, ou seja, liberdade e responsabilidade são estruturas ontológicas do homem.

5. A captação reflexiva da liberdade: uma via de mão dupla

A partir de tudo o que foi exposto até o momento é possível definir a Angústia como um tipo de consciência, mais precisamente como a consciência da liberdade. Por conseguinte, não há uma distinção entre o Ser da Angústia e o Ser do homem, essa Angústia é o homem. Mas se a Angústia se mostra como sendo uma estrutura ontológica do ser humano, por que na vida cotidiana ela se dá como algo excepcional? Além disso, se ser humano é ser Angústia, por que a sociedade tende a tratar a Angústia como uma patologia?

A consciência reconhece a Angústia ao captar o Nada que a separa de seu futuro e de seu passado, esse mesmo Nada a faz perceber que não há obstrução alguma e que não existem desculpas plausíveis a separando da liberdade que ela é. Porém, existem vários fatores na moralidade cotidiana que possuem um poder reconfortante diante da Angústia. Se o homem percebesse a sua liberdade como fundamentadora dos valores nada poderia justificar a adoção de um sistema de valoração, ter-se-ia somente a liberdade como fundamentadora dos valores sem ter, contudo, algo que fundamentasse a própria liberdade. Isso culminaria na possibilidade de questionamento dos valores, o que levaria, conseqüentemente, à Angústia. “A percepção angustiada dos valores como algo sustentado no ser por minha liberdade é fenômeno posterior

⁴² BURDZINSKI, *Má-fé e autenticidade*, p. 30.

⁴³ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 678.

e mediatizado⁴⁴”, diz Sartre, o que acontece no mundo imediato é que o homem está jogado constantemente na ação e está sempre empenhado na realização de projetos. Diante disso, ele não percebe que é a partir de tais projetos que os valores são dados ao mundo, ou seja, o homem fica resguardado da Angústia pela ação.

Normalmente o homem só percebe a *sua possibilidade* no momento em que ela está se realizando, já que na ação a consciência do homem não é reflexiva. Mas, ainda nesse caso existiria a possibilidade do questionamento de *seus possíveis*, o que o levaria à conclusão de que não há nada que garanta o término da ação iniciada, e, desse modo, também seria possível a revelação da Angústia.

Vê-se então que para captar a Angústia é preciso refletir. Contudo, quotidianamente essa reflexão não acontece, dando lugar a ações automatizadas que acabam por esconder as possibilidades ali existentes, e isso não permite a captação da Angústia por parte do homem. Isso fica explícito no seguinte exemplo utilizado por Sartre⁴⁵:

O despertador que toca de manhã remete à possibilidade de ir ao trabalho, minha possibilidade. Mas captar o chamado do despertador é levantar-se. Assim, o ato de levantar da cama é tranquilizador, por que evita a pergunta: “Será que o trabalho é *minha* possibilidade?” - e, em consequência, não me deixa em condições de captar a possibilidade do quietismo, da recusa ao trabalho e, em última instância, da morte e da negação do mundo. [...] tal apreensão me protege contra a angustiante intuição de que sou eu - eu e mais ninguém - quem confere ao despertador seu poder de exigir meu despertar.

O que geralmente acontece na trivialidade cotidiana é a consciência não tética da liberdade, isto é, “[...] uma consciência que passa sem ter sido objeto de reflexão, uma consciência irrefletida⁴⁶”. Entretanto, para captar-se como Angústia é preciso que o homem reflita, pois somente nesse caso é que “[...] a consciência de liberdade surge em toda sua plenitude⁴⁷”. Isto posto, não é completo dizer que na Angústia a consciência se capta como liberdade, mas, como afirmam Cabestan e Tomes⁴⁸, “[...] é na angústia que a consciência capta *reflexivamente* sua liberdade absoluta⁴⁹”.

Todavia, esta postura reflexiva da consciência não é garantia de assunção da Angústia, aliás, a reflexão abre a possibilidade de que se adotem frente à Angústia certas condutas que

⁴⁴ *Ibid.*, p. 83.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 82.

⁴⁶ HOSTE, *Sartre e as regiões do Ser: da consciência ao Em-si*, p. 112.

⁴⁷ BURDZINSKI, *Má-fé e autenticidade*, p. 31.

⁴⁸ CABESTAN; TOMES, *Le vocabulaire Sartre*, p. 9, grifo do autor, tradução nossa.

⁴⁹ “[...] c’est dans l’angoisse que la conscience saisit *réflexivement* son absolue liberté”.

visam justamente uma maneira de negá-la. Essas são as chamadas condutas de fuga. Pode se dizer até mesmo que esses são os comportamentos mais adotados diante da Angústia. Tais condutas consistem em arranjar desculpas a fim de reconfortar as ações do homem, defendendo-o assim da Angústia: “Deus, a Natureza ou o Dever, emprestam, corriqueiramente, algum sentido à existência e evitam, com isto, a angústia⁵⁰”.

À vista disto, é preciso deixar claro que apesar da possibilidade das tentativas de fuga não é possível fugir, e muito menos destruir a Angústia, pois o homem é Angústia, e por isso ele é aquilo de que quer fugir. Além disso, para fugir de algo é necessário estar ciente e atento àquilo que se quer fugir, e no caso da Angústia, todo esse processo é referente a uma mesma consciência: “[...] fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia⁵¹”. Porém, fugir e ser Angústia não significam a mesma coisa, pois assumir a Angústia significa assumir que todo ato humano é um ato espontâneo, injustificável e derivado de sua liberdade fundamental; é abrir mão “[...] das defesas que cotidianamente utilizamos para nos protegermos dessa aguda e cortante lucidez e abdicar de todo tipo de conforto espiritual [...] – seja nas religiões, nas diversas variações do determinismo, nas éticas de um direito natural ou transcendente⁵²”. Qualquer postura adotada frente à Angústia que não seja a sua assunção acabará por resultar naquilo que dentro da filosofia sartriana denomina-se *má-fé*⁵³.

Conclusão

A partir da publicação do DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais) em 1994 a Angústia passou a ser definida, do ponto de vista científico, como um “transtorno de ansiedade social”. A partir disso, como assinala a professora Claudia Murta⁵⁴, muitos especialistas “[...] afirmam que o sujeito angustiado sofre de desequilíbrio químico e que necessita de cuidados psiquiátricos e tratamento médico”. O que se pode perceber com isso é que a Angústia, descrita até aqui como um traço fundamental da realidade humana, é tratada geralmente como uma patologia.

Contudo, a Angústia que até o momento foi analisada nada tem a ver com esse sentimento corriqueiro que se costuma descrever como uma ansiedade, e, tampouco, como foi

⁵⁰ BURDZINSKI, *op. cit.*, p. 33.

⁵¹ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 89.

⁵² BURDZINSKI, *op. cit.*, p. 32.

⁵³ Cf. SARTRE. *O Ser e o Nada*, primeira parte, capítulo 2 (A má-fé).

⁵⁴ MURTA; PESSOA, *Angústia em filosofia e psicanálise*, p. 11.

demonstrado, com uma espécie de fobia. Consequentemente, toda tentativa de conceber a Angústia como uma doença representa um equívoco, um esforço de transformar em inumano algo que é próprio da realidade humana, pois, como afirma Sartre⁵⁵, “[...] não há situação inumana; é somente pelo medo, pela fuga e pelo recurso a condutas mágicas que irei *determinar* o inumano, mas esta decisão é humana”. Ou seja, qualquer tentativa de negar a existência da Angústia, incluindo a patologização científica, nada mais é do que uma conduta de fuga. Aliás, se é possível identificar algo de patológico nesse contexto, só poderia ser o medo de reconhecer o homem como liberdade, de reconhecê-lo como angustiado diante de sua indeterminação, de caracteriza-lo como aquele que valora o mundo.

Assim, longe de ser uma patologia, a Angústia é ontológica, e por mais que se tente mascarar-la ou dela fugir, essa é uma fuga impossível, pois ela habita o homem, ou melhor, não há distinção entre homem e Angústia. A partir disto, seria incorreto tentar descrever a Angústia como *a* doença da modernidade, pois se ela é algo ontológico, como poderia ser exclusiva de um período histórico? Quando se fala que é na modernidade que a Angústia se manifestou, isso se dá por queque em certos períodos históricos a liberdade humana aparece um tanto quanto mascarada, seja pelo sagrado, seja pelo social, seja pelo político; e nesses períodos é muito mais raro que a Angústia seja captada reflexivamente. De fato, não é que antes da modernidade a Angústia não existisse, mas é a partir dos avanços da modernidade que a liberdade se anuncia para a realidade humana, quer dizer, há na época moderna uma situação propícia para que o homem apreenda sua liberdade fundamental e, consequentemente, se apreenda também enquanto Angústia fundamental.

Não só na experiência de ruptura vivenciada desde os heróis trágicos até os hereges do mundo medieval, mas mesmo entre os mais simples camponeses da vida ritualizada, a angústia sempre esteve presente na história manifestando-se como grande mistério indissociável da vida humana. Ao se formar, enquanto individualidade, o sujeito precisa encarar algo cuja vertigem nenhum ritual pode amenizar: eis a inevitável angústia de vida humana. Por mais que me enrosque no mundo ou busque auxílio nas divindades existem determinados momentos em que a solidão se apodera mesmo do espírito mais elevado, e é preciso, sozinho, dar o passo decisivo⁵⁶.

Logo, por mais que se tente negar a Angústia “seu hálito palpita sem cessar” no âmago do homem. Ela é um fato intransponível, intransferível e irremediável. Utilizando a fala do personagem Antonius Block, no filme *O Sétimo Selo* de Ingmar Bergman, seria possível dizer

⁵⁵ SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 678, grifo do autor.

⁵⁶ BAPTISTA, *Franz Kafka e a angústia kierkegaardiana*, p. 191.

que a Angústia é “um espelho que reflete no meu rosto e vejo minha própria imagem”, ou seja, a captação reflexiva da liberdade é para o homem como olhar-se no espelho e ver um abismo refletido em seus olhos, apreendendo assim que esse abismo é justamente aquilo que fundamenta a sua existência.

Portanto, a Angústia não é uma doença psicológica, mas somente a contrapartida necessária da tomada de consciência da liberdade: diante da Angústia não há o que temer, nem o que curar; a Angústia é a abertura na qual o homem se encontra só diante de suas possibilidades, e com isso ele se vê como único Ser que pode dar sentido ao que faz parte de sua existência. A Angústia representa uma desmistificação do mundo, pois é a partir dela que o homem pode captar que os valores do mundo não são dados, mas constituídos por homens. Isso não significa a negação de todo e qualquer valor, a assunção do niilismo, pelo contrário, a partir disso se entrevê a possibilidade de uma existência autêntica, da criação de novos valores.

Enfim, é somente pela Angústia que a realidade humana tem a possibilidade de captar sua estrutura ontológica, quer dizer, só assim ela poderá se apreender como um Ser que está destinado a jamais ser em um sentido identitário, mas que só pode ser como incompatibilidade consigo mesmo, isto é, sendo o que não é e não sendo o que é. Dessa maneira, o homem, Ser que busca perpetuamente totalizar-se, que busca a segurança da identidade consigo mesmo, pode perceber, pela Angústia, que essa totalização é inacessível, e que viver é, conseqüentemente, angustiar-se.

Referências

- BAPTISTA, Mauro Rocha. Franz Kafka e a angústia kierkegaardiana. *Estudos Filosóficos*. São João Del Rei, n. 6, p. 179-201, 2011.
- BORNHEIM, Gerd. *Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- BURDZINSKI, Júlio Cezar. *Má-fé e autenticidade*. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 1999.
- CABESTAN, Philippe. Une liberté infinie? In: BARBARAS, Renaud (Org.). **Sartre**: Désir et liberté. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.
- _____; TOMES, Arnaud. *Le vocabulaire Sartre*. Paris: Ellipses, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. Que é Metafísica? In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- _____. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HOSTE, Vinicius Xavier. Sartre e as regiões do Ser: da consciência ao Em-si. *Kínesis*, v. 7, n. 15, p.104-119, 2015. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/Revistas/Eletronicas/Kinesis/8_viniciusxavier.pdf>. Acesso em 19 de jan. 2016.
- KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. *Temor e Tremor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- MOUILLIE, Jean-Marc. L'autodévoilement de la liberté dans l'existence. In: BARBARAS, Renaud (Org.). **Sartre**: Désir et liberté. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.
- MURTA, Claudia; PESSOA, Fernando. *Angústia em filosofia e psicanálise*. Vitória: UFES, 2011.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia 3*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *Oeuvres Romanesques*. Paris: Gallimard, 1981.
- _____. *Le Sursis*. Paris: Gallimard, 2009.
- _____. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *A idade da razão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- _____. *A transcendência do Ego*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre*. São Paulo: UNESP, 2004.

SOUZA, Thana Mara. Liberdade e determinação na filosofia sartriana. *Kínesis*. Marília, V. 2, n. 3, p. 13-27, 2010. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasElectronicas/Kinesis/2_ThanaMaradeSouza.pdf>. Acesso